

“EU TINHA UM CAMARADA”

A 28 de Março deste ano, terminou a sua existência terrena, aquele que foi o melhor de todos nós. Rodrigo Emílio, trovador fascista, voluntário no “limes” ultramarino, mestre de virtudes viris, foi a enterrar, escoltado por uma ala de camaradas fidelíssimos, ao som do velho hino europeu “Eu tinha um Camarada”. Um arco-íris feérico levou a sua alma invicta, enquanto o seu corpo fica a repousar agora, ao lado de Thomaz Ribeiro, outro «herético» como ele.

Foi Rodrigo Emílio um aristocrata de raça. Havia nele muito da “gravitas” romana. Possuidor de um olhar penetrante que reflectia a profundidade do seu espírito, era, de todo, alheio e avesso à exuberância levantina do Português “mértido”, cafrealizado por trinta anos de democracia. Homem da mais longa memória, desprezava a incultura cevada dos seus contemporâneos; homem de valores, vomitava os cobardes e os indiferentes.

Cada dia da sua existência, especialmente os dias vividos sob a ditadura democrática, foi uma afirmação solar. Intelectual orgânico poderia, como muitos o fizeram, ter evitado a guerra no Ultramar, mas afrontou-a como voluntário. A seguir ao 25 de Abril, militou nos grupos, mais ou menos clandestinos, que se opunham ao suicídio nacional. Colaborou na *Intervenção Nacionalista* mas foi no *Movimento de Acção Nacional* que Rodrigo Emílio deu o seu melhor. Animoso e lúcido, pronto no exemplo, disponível no conselho e no encorajamento aos militantes mais jovens era, no entanto, implacável em relação às espertezas saloias que traíam, sem honra nem proveito, os princípios fundacionais do nosso combate. Para a memória dos militantes NR, fica a imagem de um Rodrigo Emílio, ferocíssimo de sarcasmo, toureando no Tribunal Constitucional os sabujos do regime.

Como todos os espíritos fortes, não tinha um feitio fácil. Sabedor, desprezava os sabidos que pululam à esquerda e à direita. Nos antifascistas de esquerda, repugnava-lhe a estética latrinária, o conformismo carneiro, irremediavelmente plebeu; nos antifascistas de direita (muito piores que os de esquerda), enojava-lhe a prostituição dos valores tradicionais, o patrioteirismo bancário, a esperteza “cocotte” do “Portugal dos pequeninos”...

Dotado de um real talento e de apuradíssima sensibilidade, era um real prazer dialogar com ele. Quem escreve estas linhas, lembra-se do inúmeros serões que se transformavam em noites brancas, discutindo um pouco de tudo: de Drieu a Tomás de Figueiredo, de Evola à estética feérica dos congressos NS... E o frio da noite desaparecia, o cansaço transformava-se em encantamento, ao som ritmado da voz grave de um Homem livre e grande demais para esta época de homúnculos...

Mas se falar com o poeta era um prazer, lê-lo proporcionava idênticas sensações. Lembremo-nos das páginas de intervenção cultural n`«A Rua» onde o esteta depurado que ele era, analisa todos os talentos anticonformistas das Artes e Letras. Acorrem-nos também à memória, a ironia truculenta das trovas de escárnio e maldizer dedicadas à fauna de Abril, a sobriedade marcial dos poemas dedicados à guerra no Ultramar e à Europa Fascista, enfim, o intimismo carinhoso de certas excursões dedicadas àqueles a quem amava.

O Homem que já não está (fisicamente) entre nós, teve a desdita de viver numa Europa transformada numa pocilga ianque, num bordel do terceiro

mundo. A sua Europa era outra, aquela em que ele nasceu e que aliava o refinamento de uma cultura inigualável à dureza de uma Raça ainda jovem...

No entanto, ele manteve o facho da Ideia numa época crepuscular. Esse facho passou agora para as nossas mãos. Depende de nós e só de nós que o exemplo desse Ário ímpar não se transforme em mera nostalgia funerária mas antes no passar de testemunho de valores perenes, que permitirão a Vitória futura.

Porto Soares